

2007.

LOPES, A.L.; CARVALHO, P. Musicoterapia com hemiplégicos: Um trabalho integrado a fisioterapia. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

NITRINI, R.; BACHESCHI, L.. A neurologia que todo médico deve saber. 3.ed. São Paulo: Maltese, 1995.

SACKS, O.. Alucinações Musicais: relatos sobre a música e o cérebro. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VIEILLARD, S. O som das emoções. In: *Mente cérebro*. ano XVI, n. 17. São Paulo: Duetto Editorial, p.58-65, 2009

WICHT, H. Marionetes cerebrais. In: *Mente cérebro*, ano XVI, n. 196. São Paulo: Duetto editorial, p.70-73, 2009.

ZATORRE, RJ et al. Moving on time: brain network for auditory-motor synchronization is modulated by rhythm complexity and musical training. *Journal of cognitive neuroscience*, 20, 226-239. [www.zlab.mcgill.ca/home.html](http://www.zlab.mcgill.ca/home.html) - acesso em 14/04/2009

## 70- "Um pouco de possível senão eu sufoco...": A escuta da Desrazão no fazer musicoterápico. Mariana Cardoso Puchivailo/PR.<sup>1</sup>

### RESUMO:

Através de pesquisa bibliográfica, a partir de vivências práticas em uma Unidade de Internamento em Saúde Mental de Curitiba, este trabalho propõe uma reflexão a cerca da Desrazão na atualidade e sua escuta no fazer musicoterápico. É debatida a Desrazão no campo da Saúde Mental e realizam-se diálogos sobre possíveis fazeres musicoterápicos que considerem uma Relação com o Fora. Entende-se, finalmente, a necessidade de uma escuta ampliada do musicoterapeuta, numa clínica que se apresente como transgressora e que possibilite movimentos de potencialização da subjetividade do indivíduo. Possibilitando, quiçá, que o trabalho musicoterapêutico possa ser uma ponte facilitadora de aproximação entre sociedade e Desrazão.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental, Desrazão, Musicoterapia

### ABSTRACT

This work conceived through bibliographic research, and practical activities in an Intensive Mental Health Unit in Curitiba, proposes a reflection about "Desrazão" nowadays, and the capacity of its listening in Music therapy. "Desrazão" is debated in the field of Mental Health and dialogs are made about possibilities of Music therapy in working with Relations to the "Fora". Finally it is understood that it is necessary an enlarged listening from the music therapist in a clinic that presents itself as transgressive and aloud movements of subjectivity potencialization of the individual. Allowing the work of the music therapist to facilitate an approach between society and "Desrazão".

KEY-WORDS: Mental Helth, "Desrazão", Music Therapy

*Deixa tecer o caminho raro  
Que meu espírito tem pra te seduzir  
Deixa quebrar o mármore caro  
Que tua face levanta no fitar e conduzir*

*Deixa criar gramática incerta  
A ortografia incorreta com que tento me encontrar  
É um destino trágico o que escolheste  
Para em colo algum não querer deitar*

Primeiramente é preciso esclarecer que a Desrazão não pode ser definida. Defini-la seria correr o risco de perder sua principal utilização dentro deste trabalho, a de desconstrução de pensares. Poucos são os dicionários que contém a palavra Desrazão, que a definem como uma simples falta de razão. Além disso, é interessante perceber que a Desrazão ao longo da história se tornou sinônimo de loucura. Porém, Foucault

<sup>1</sup> Musicoterapeuta - Faculdade de Artes do Paraná - 2008. Estudante do 3º ano de Psicologia - UFPR. Estudante de Pós-graduação em Psicologia Analítica - PUCPR. E-mail: [marianapuchivailo@yahoo.com.br](mailto:marianapuchivailo@yahoo.com.br) Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9832588061745060>.

evidencia que a relação que temos com a loucura e a denominação do que seja um 'louco' não é algo natural, ou pré-determinado, mas algo constituído ao longo da história.

#### História da Desrazão

Segundo Pelbart (1989), a loucura nem sempre foi vista como uma doença, ela passou a ser assim considerada a partir do século XVIII, juntamente com o surgimento da Psiquiatria. Em muitos povos antigos não se via o portador de 'transtorno mental' como alguém desprezível ou digno de piedade, mas sim, como um portador de faculdades sobrenaturais, com isso, ele era amado e venerado, ou temido e respeitado (PEDROSA, apud MELLO, s/d).

Pelbart (1989) coloca que na Antiguidade há um "vai-e-vem" entre razão e Desrazão, ou seja, a Desrazão podia ser vivenciada junto à razão sem que isso fosse incoerente; havia mais diálogos entre essas duas formas de pensar e agir. Segundo Pelbart, algo da 'loucura' não era excluído, convivía com o homem, estava em seu discurso, era considerada, era importante. Porém, hoje, "uma desrazão não contraditória à razão é algo que nosso pensamento não está acostumando a conceber" (PELBART, 1989, p.42).

A partir de meados do século XVII "[...] o mundo da loucura vai se tornar o mundo da exclusão" (FOUCAULT, 1984, p.78). Surgem diversos estabelecimentos para a internação de inválidos, mendigos, "desempregados opiniáticos" (ibidem, p.78), pessoas com doenças venéreas, libertinos, eclesiásticos infratores, alquimistas. Ou seja, todos que demonstravam disrupções às ordens da razão, da moral e da sociedade (ibidem).

Este momento se apresenta como uma grande reviravolta em relação à experiência do homem com a 'loucura' e a Desrazão. Estas são confinadas num mesmo lugar, representando diversos tipos sociais, ambas extirpadas da sociedade. Esta nova relação inaugurará as bases da experiência contemporânea da 'loucura' e da Desrazão (FOUCAULT, 1984).

Segundo Foucault (1984) já ao final do século XVIII as casas de internamento foram então se tornando, aos poucos, reservadas somente aos 'loucos'. Ao serem afastados dos demais desarrazoados, eles começaram a se tornar "[...] titulares privilegiados das velhas medidas de exclusão" (ibidem, p.81).

Pelbart (1993) coloca a Modernidade, século XIX-XX, como o momento no qual o estranho foi capturado, domesticado; ainda afirma que "enquanto a cidade trancafiava os desarrazoados, o pensamento racional trancafiava a desrazão" (ibidem, p.106). A linguagem desarrazoada não era mais considerada, o pensar se tornou uma tarefa racional, e a sabedoria que era conferida aos 'loucos', foi substituída pelo medo e piedade. Quando a loucura foi capturada pela razão, analisada e dissecada por esta, tornou-se difícil considerar a loucura sob uma exterioridade da razão, se tornou inviável pensar a Desrazão sem partir de pressupostos racionais, o que torna o próprio entendimento da Desrazão deturpado.

#### Relação com o Fora

Devido a dificuldade que se têm hoje, de entender a Desrazão sem reduzi-la a uma

falta de razão, nos utilizamos do conceito de o Fora, a partir do filósofo Pelbart (1989, 1999, 2006), para nos aproximarmos da Desrazão na atualidade, sem que tenhamos que recorrer somente a loucura para entendê-la. Segundo Pelbart (1989), uma Relação com o Fora pode se dar através de uma turbulência que coloca o indivíduo em contato com o acaso, a ruína, a força e o desconhecido. Existem modalidades de funcionamento da Relação com o Fora: durante o cotidiano o contato com o desconhecido permite a Experiência com o Neutro; a aproximação ao excesso culmina em uma Experiência-Limite; e a arte quando se expõe ao acaso e às Forças, gera o Caos-Germe. Iremos aprofundar aqui, esta relação com a arte.

A tarefa da arte, segundo Deleuze (apud PELBART, 1989), não seria a de inventar formas ou decompor elementos, e sim, a de mostrar os efeitos das forças diversas sobre um mesmo corpo desfigurado. Desfigurado, pois segundo o autor, deixa de ser figurativo, de representar um objeto, para que possa liberar uma Figura (que é o conjunto simultâneo de formas, que demonstra a captação de uma força).

Para Pelbart é um caos que pode gerar uma ordem e um ritmo, pode germinar, por isso ele é denominado Caos-Germe. Porém, apesar de ser catástrofe, o Caos-Germe, não deve produzir catástrofe para poder germinar. Segundo Bacon (apud PELBART, 1989), é preciso controlar o caos, confiná-lo a uma região da tela, evitar que ele possa proliferar, impedindo que o próprio caos aborte suas possibilidades. Deleuze (apud PELBART, 1989) coloca que deve haver uma utilização temperada desse Caos-Germe.

Já na loucura a Relação com o Fora é elevada ao extremo, é para Pelbart (1989, p.138) "uma viagem para o Fora", uma ruptura da subjetividade do indivíduo que o leva a uma exposição total ao Fora. Deixaria de existir um limite entre dentro e fora, há uma confusão quanto à interioridade, unidade, identidade, história, ou continuidade do indivíduo. Não há aqui um culto à loucura, mas a preocupação em mostrar como esse colapso engendra uma nova interação entre o dentro e o Fora.

Ao mesmo tempo em que a loucura é a exposição total ao Fora, é também exclusão. A loucura é excluída, cercada numa "reclusão, num tipo social, numa doença" (ibidem, p.169). Ao ser excluída, é incluída num modelo, num território de isolamento e cristalização, que não permite novas possibilidades, nem dá chance a novos modos de vida.

Esse Exterior que o "[...] personagem do louco evoca, mas também confina [...]" é o que Blanchot (apud PELBART, 1993) deu o nome de o Fora. A loucura está aqui representada como o principal modo que nossa cultura encontrou de se relacionar com o Fora.

<sup>3</sup> Deleuze (apud PELBART, 1989) traz o conceito de utilização temperada do diagrama, aqui utilizaremos esse conceito com relação ao Caos-Germe e à Desrazão. Isso servirá para explicitar a idéia de vai-e-vem entre razão e Desrazão, uma utilização do Caos que não permite que ele mesmo aborte suas possibilidades, uma utilização temperada do Caos-germe, onde há diálogo entre razão e Desrazão, caos e o 'controle' do caos.

<sup>4</sup> A subjetividade é para Pelbart (1989, p.135) uma "modalidade de inflexão de forças do Fora, através do qual cria-se um interior".

A Relação com o Fora suscita um novo pensar, uma exposição às forças, um caminhar 'entre'<sup>5</sup> razão e Desrazão, uma Relação com o Fora, com as Forças, e com o Acaso. Através do Pensamento do Fora há a possibilidade de que se expandam e que se tornem mais comuns outros tipos de Relação com o Fora; que existam outros espaços à Desrazão, que não somente o da loucura. Assim, poderíamos ter não somente a libertação física do 'louco', que já se apresenta em andamento através da Reforma Psiquiátrica, mas também a libertação da Desrazão (PELBART, 1989).

### Musicoterapia

A produção musical é entendida neste trabalho como uma possível mola potencializadora de subjetividades. Segundo Millecco (1998), é tarefa da Musicoterapia favorecer a emergência de Territórios de Singularização. O que caracteriza esse Território, segundo o autor, é "a possibilidade de transitar em diferentes campos da cultura, construindo um senso estético e crítico, aberto a diversas formas de expressão musical" (ibidem, p.34).

Entretanto, para a emergência desse Território de Singularização é necessário que a prática musicoterápica esteja aberta a essas diversas formas de construções estéticas e críticas e, principalmente, que não sejam limitadas aos padrões vigentes, aos padrões socialmente estabelecidos. Para isso, o musicoterapeuta precisa estar preparado para permitir, e principalmente para favorecer a emergência desse Território de Singularização, partindo de uma escuta ampliada, para dar espaço a essas produções, que a princípio podem estar fora dos padrões vigentes.

Talvez, o papel do musicoterapeuta seja permitir essas diversas 'deformações' da música e das formas de atuação, para que possam ser acolhidas as diversas formas de tocar dos indivíduos que participam da Musicoterapia. As estruturas musicais, ou a música em si, são modificadas, deformadas, desfiguradas em prol de uma aceitação da singularidade de cada sujeito. Parte-se do Caos-Germe para formar o novo: o novo tocar, a música nova, as novas subjetividades. É importante ressaltar que é papel do musicoterapeuta 'temperar' esse caos. É ele quem possibilita a vivência caótica, sem que nela se perca o sujeito.

O acolhimento às experiências com o Fora podem propiciar espaços à Desrazão. A Relação Neutra<sup>6</sup>, por exemplo pode possibilitar um desprendimento com relação às escassas oposições binárias, de 'ou isso, ou aquilo', 'ou bem, ou mal', em prol de um 'nem isso, nem aquilo', 'nem bem, nem mal'. Pois, através dessas violências

binárias que "a sociedade em que vivemos nos possibilitou [apenas] dois modos de subjetivação: como loucos, ou como normais" (PELBART, 1993). No que se refere à Relação com o Fora também pode ser abordada a Experiência-Limite, que representa uma quebra dos limites da música como a conhecemos, dos limites entre saúde/doença, limites físicos, sociais, institucionais, do setting convencional, da razão.

Porém, para que se permita o caos, que é indispensável para que se germine o novo, é imprescindível que o terapeuta esteja aberto a isto. É necessário que se repensem diversas (pré)concepções que o ata a sua forma de atuação e que, muitas vezes, o limitam a ação. Será que não é hora de deixar vaziar o Fora da música que se faz na Musicoterapia? Já não é tempo de se permitir espaços de fomento à Desrazão, ou invés de encarceramento da mesma?

A escuta da Desrazão não é importante somente ao indivíduo que a expressa, mas também aos terapeutas e a sociedade como um todo. A Desrazão se apresenta como um mar infinito de possibilidades, já que representa o desconhecido. É um mar que está pronto a ser desbravado, mas a racionalidade que nos move dificulta que tomemos posse desse outro lado do humano, que não é racional, mas que nos pertence e nos é valioso.

E nos perguntamos: será que esta expansão daria mais liberdade de criação de subjetividades, de reinvenção de novas subjetividades, que fogem ao capitalismo e à sociedade de controle? Ao entrar em contato com a Desrazão, o indivíduo pode se tornar mais acessível ao novo, às situações ou pessoas desarrazoadas, ter uma visão mais ampliada, ser mais flexível, e ter maior plasticidade ao que não é racional. Pode talvez trazer para sua vida momentos desarrazoados, já que está mais próximo desse ambiente que foge à razão. E com isso podem começar a se dissolver alguns pré-conceitos sobre as pessoas que fogem à regra, à normalidade, permitindo um maior acolhimento das individualidades de cada sujeito.

Essas reflexões, dentre tantas outras mais, reverberam especialmente ao pensarmos na Saúde Mental e ao refletirmos as possibilidades que a sociedade de controle oferece às pessoas que fogem à regra. Pelbart (2006) coloca que na reinserção social dos usuários de Saúde Mental não é garantido "seu direito à desterritorialização, a liberdade necessária para construir-se a partir de linhas de escape de que necessitam, com as viagens na maionese e as traições ao pacto societal em que isso implica" (ibidem, p.2).

A sociedade de controle busca um corpo útil e participativo (ALVERGA; DIMENSTEIN, 2006). Algumas propostas da Reforma Psiquiátrica acabam, não por acaso, ressoando com essas características. Nada de perverso vemos na possibilidade desses indivíduos possuírem um emprego e exercerem sua cidadania. Porém, como ficam as pessoas que não quiserem viver de forma ativa, participativa e útil? Elas terão espaço para viver esta vida alternativa, sem que sejam julgadas e marginalizadas? E se seus comportamentos forem inúteis à sociedade de controle, e se eles não puderem participar de forma usual na sociedade. E se eles se recusarem a votar, a pagar impostos, a comprar, a vender?

Diante tais colocações, o mínimo que temos de ter é cuidado. Não aceitar as propostas e implementações de leis da Reforma Psiquiátrica cegamente, sem lembrar

<sup>5</sup> O 'entre' sempre que utilizado neste trabalho entre aspas simples representará a idéia de andar "no limiar dos lugares instituídos [...] um não-lugar" (SILVA, 2007, p.19). Diz de um "espaço 'neutro', não-clínico e não-literário, exterior à loucura e ao mesmo tempo à razão, [que] talvez seja o único capaz de abrir o pensamento à desrazão sem que ele a enclausure ou sucumba a ela" (PELBART, 1989, p.17). O entre a razão e a Desrazão, a saúde e a doença, a arte e a ciência. Que realiza diálogos mais heterogêneos, que geram mais possibilidades.

<sup>6</sup> Uma das formas descritas por Pelbart (1989) de Relação com o Fora. A Relação Neutra se caracteriza pela recusa às oposições entre dois termos, a partir disso Pelbart coloca essa relação como possibilidade de desarmamento de paradigmas, recusando as oposições binárias as quais estamos tão viciados.

constantemente de suas raízes (Luta Antimanicomial, Desinstitucionalização), e estar sempre atentos a seus propósitos enquanto leis. É importante que se acompanhe atentamente esse processo transformador e que sempre se leiam 'as entrelinhas'.

#### Potencialidades/Possibilidades da Musicoterapia

Existe a necessidade de propiciar cada vez mais "experimentações pluridimensionais num espaço terapêutico e a mesma criação num espaço extraterapêutico" (PELBART, 1993, p.23), uma expansão das possibilidades de 'vida'. Pelbart concorda com Guattari quando este coloca que "a heterogeneidade precisa ser produzida" (ibidem, p.23), não basta apenas reconhecermos a importância das diversidades, precisamos criá-las, incitá-las.

A partir de vivências musicais desarrazoadas dentro de um contexto musicoterápico quicá se possibilite espaços para existências diversificadas. Com essa permissividade dentro da 'clínica'<sup>7</sup> musicoterápica é possível gerar não uma simples inclusão da pessoa 'louca' no cotidiano social, mas uma inclusão da diferença. Uma promoção de diferenças e novas possibilidades que possam talvez contribuir para a modificação dos estigmas existente sobre aqueles considerados 'loucos' e sua música, além de potencializar a libertação de nossas próprias clausuras. Se o Fora é uma pluralidade de forças, que elas sejam utilizadas, que sejam aproveitadas todas essas possibilidades, todas essas forças, todos os potenciais de ação que puderem ser usados.

Parece ser uma tarefa difícil? Pois ela é! Porém, parece ser uma tarefa necessária para que se possa estar com os 'ditos loucos', estar realmente, escutar genuinamente e aprender com aqueles que vivem o Fora. Importante também para que se permita um leque mais amplo de possibilidades e permissividades no fazer musicoterápico.

Nise da Silveira e Raquel Siqueira da Silva puderam servir nesta pesquisa como exemplos de "Cuidadoras do Fora". Esse termo foi criado para este trabalho diante essas duas Pensadoras do Fora que acabaram demonstrando em seus trabalhos a importância do terapeuta proporcionar espaços para o Fora, para a Desrazão, e a beleza dos frutos colhidos a partir daí. O Museu de Imagens do Inconsciente e o trabalho do "Mágicos do Som" são produções que confirmam a necessidade de um cuidado que permita, que abra espaços potenciais à Desrazão.

É importante que na Musicoterapia o ritmo estranho, diferente, novo, não se apresente como uma disritmia, nem seja usado como sintoma de uma doença. Mas sim, como potencial inovador, como subjetividade singular, alternativa e criativa. Segundo Craveiro de Sá (2003) a música na Musicoterapia já oferece um campo de multiplicidades, permite que o sujeito percorra caminhos ilimitados, quebre resistências, promova deslocamento de territórios, possibilite uma busca ao que é novo e vivencie diversas formas de se expressar musicalmente.

Desta forma, podemos pensar que é possível criar espaços à Desrazão em nossa 'clínica' musicoterápica, que podemos ser uma ponte que facilite uma Relação com o Fora, que permita que os sujeitos entrem em contato com a Desrazão. Possibilitando que se inventem e reinventem subjetividades. Talvez assim, possamos juntos potencializar uma expansão da Desrazão para além do território da arte e da loucura, criando maiores permissividades frente o estranho, o diferente, o não usual, o novo.

#### REFERÊNCIAS

- ALVERGA, A. R. de; DIMENSTEIN, M. A reforma psiquiátrica e os desafios na desinstitucionalização da loucura. Interface, Botucatu, 2006. Seção Comunicação, Saúde, Educação. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n20/03.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2008.
- CRAVEIRO DE SÁ; L. A teia do tempo e o autismo: música e musicoterapia. Goiânia: Editora UFG, 2003.
- FOUCAULT, M. Doença Mental e Psicologia. Rio de Janeiro: Editora Tempo brasileiro, 1984. 71-98p.
- HIDALGO, L; DRUMMOND, M. (Org.). A Arte da Urgência. Curitiba: Cultural Office, 2006.
- MELLO, L. C. Flores do Abismo. Museu Imagens do Inconsciente. Textos Completos. Disponível em: <<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br>>. Acesso em: 20 abr 2008.
- MILLECCO, R. Musicoterapia uma Visão Social. VI Fórum estadual de Musicoterapia. Rio de Janeiro, 1998, 29-36p.
- PELBART, P. P. Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: Loucura e desrazão. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. A nau do tempo-rei: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- \_\_\_\_\_. Mutações Contemporâneas. Revista Cinética. Ensaios Críticos. Disponível em: <[http://www.revistacinetica.com.br/cep/peter\\_pal.pdf](http://www.revistacinetica.com.br/cep/peter_pal.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2008.
- ROBORTELLA, S. C. Relatos de usuários de saúde mental em liberdade: o direito de existir. 2000. 145 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.
- SILVA, R. S. Cartografias de uma experimentação musical: entre a Musicoterapia e o grupo Mágicos do Som. 2007. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

<sup>7</sup>A palavra clínica é colocada entre aspas simples para deixar claro que é utilizada num contexto mais abrangente do que o da clínica convencional. Foucault (1977, apud SANTOS, 2001) traz que o surgimento da clínica se dá na passagem do século XVIII ao século XIX, quando se inicia um discurso de estrutura científica. A idéia de clínica surge em um ambiente completamente envolto pela razão, por isso, desconsiderando ou limitando a Desrazão.